



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS CURRICULARES

CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS DE MOÇAMBIQUE

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Reflexão sobre a Comunicação entre Professores e Alunos Surdos da 12^a Classe, da Escola Secundária Josina Machel

Henriqueta Victor Matias

Relatório apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de
Licenciatura em Língua de sinais de Moçambique

Maputo, Agosto de 2025



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS CURRICULARES

CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS DE MOÇAMBIQUE

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Henriqueta Victor Matias

Local do Estágio: Escola Secundária Josina Machel

Supervisor: Msc. Jairo Gimo

Orientadora: Cristália Fernandes

Maputo, Agosto de 2025

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Henriqueta Victor Matias, declaro solenemente a autenticidade e a honestidade do trabalho apresentado como requisito para a conclusão do curso na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane. As informações contidas neste trabalho são verídicas e foram produzidas de acordo com as regras e critérios de elaboração e apresentação de trabalhos científicos vigentes na Universidade. Declaro ainda que todas as fontes utilizadas, directa ou indirectamente, foram devidamente citadas e referenciadas de acordo com as normas estabelecidas, garantindo a integridade académica e a originalidade do presente trabalho. Assumo total responsabilidade pelas informações e resultados apresentados e estou ciente das consequências éticas e académicas decorrentes de qualquer conduta inadequada ou desonesta relacionada ao presente trabalho. Por meio desta declaração, afirmo a minha integridade como autora deste trabalho e comprometo-me a agir de acordo com os princípios de honestidade, integridade e responsabilidade académica.

A Estudante

(Henriqueta Victor Matias)

Maputo, Agosto de 2025

DEDICATÓRIA

Com muito amor e gratidão, dedico este trabalho àqueles que sempre foram minha fonte de inspiração e apoio incondicional, em especial aos meus pais, Victor Matias e Julieta Luís, agradeço pela paciência, pelos ensinamentos e pelo amor imensurável. Vocês sempre acreditaram em mim, mesmo nos momentos em que eu duvidava de mim mesma. A cada gesto, vocês mostraram-me o verdadeiro significado da dedicação e do esforço. Ao meu irmão, Franqui Matias, por ser meu companheiro de vida, sempre ao meu lado, seja nas horas de alegria ou de desafio. A sua presença constante fortalece-me e dá-me coragem para seguir em frente. Com todo o meu carinho, essa conquista é nossa.

AGRADECIMENTO

Agradeço à todos que, directa ou indirectamente, me têm apoiado diariamente para o meu desenvolvimento pessoal, em especial a Deus, por me conceder força, saúde e perseverança durante toda essa jornada, e aos meus pais pelo apoio incondicional que têm proporcionado para mim em toda a minha trajetória.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem experiências e ideias, e pela paciência que tiveram comigo.

Agradeço aos professores que estiveram comigo neste percurso, oferecendo auxílio até eu chegar onde estou.

Ao meu supervisor, Jairo Gimo, pela paciência durante a realização deste relatório.

A todos, meu muito obrigada.

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTO	iii
LISTA SIMBOLOS E ABREVIATURA	vi
LISTA DE FIGURAS.....	vii
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	vii
SESSÃO I: INTRODUÇÃO	1
1.1. Contexto	1
1.2. Objectivos do relatório	1
1.2.1. Objectivos Geral.....	1
1.2.2. Objectivos específicos.....	1
1.3. Justificativa da escolha do tema	2
1.4. Metodologia	2
1.4.1. Observação directa	3
SESSÃO II- APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO....	5
2.1. Localização da instituição	5
2.2. Breve historial da Escola Secundária Josina Machel	5
2.3. Missão e visão	6
2.3.1. Missão	6
2.3.2. Visão.....	6
2.4. Estrutura orgânica da ESJM.....	6
2.5. Recursos humanos.....	7
2.5.1. Efectivo de alunos	8
2.5.2. Efectivo de alunos com necessidades educativas especiais	8
2.5.3. Evolução do efectivo de alunos 2019-2025.....	9
2.5.4. Efectivo de docentes	9
2.5.5. Efectivo de funcionários não docentes.....	10
2.6. Relevância da instituição para a formação da estagiária.....	11

2.7. Contributo da estagiária para a instituição	11
SESSÃO III: PLANO DE ACTIVIDADES	12
3.1. Breve descrição de plano de actividades.....	12
SESSÃO IV: Actividades Desenvolvidas pela Estagiária.....	14
4.1. Apresentação e Integração do Estagiário na Instituição de Estágio	14
4.2. Observação do processo de ensino e aprendizagem	144
4.3. Planificação das Aulas.....	16
4.4. Leccionação das Aulas	Error! Bookmark not defined. 8
4.5. Interpretação das aulas	20
SESSÃO V- REVISÃO DA LITERATURA	22
5.1. Conceitos.....	22
5.1.1. Comunicação.....	22
5.1.2. Surdez.....	222
5.1.3. Língua de Sinais.....	222
5.1.4. Barreiras Comunicativas	222
5.2. Factores que contribuem para as dificuldades comunicativas entre professores alunos.....	222
5.2.1. Uso predominante de métodos tradicionais	233
5.2.2 Falta de materiais didácticos visuais	233
5.2.3. Dependência excessiva dos intérpretes	244
5.3. Estratégias utilizadas pelos professores para comunicar com alunos surdos.....	244
5.3.1. Recurso a esquemas e mapas no quadro	255
5.3.2. Adaptação do ritmo e da linguagem.....	255
5.3.3. Utilização do quadro de forma visual	266
SESSÃO VI: CONSIDERACOES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	27
6.1. Considerações finais.....	27
6.2. Recomendações.....	298
Referência bibliográfica	30

LISTA SIMBOLOS E ABREVIATURA

ESJM	Escola Secundária Josina Machel
FACED	Faculdade de Educação
LSM	Língua de Sinais de Moçambique
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEE	Necessidades Educativas Especiais
UEM	Universidadebl Eduardo Mondlane
LS	Língua de Sinais

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Estrutura Orgânica da Escola Secundária Josina Machel	6
---	---

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Efectivo de alunos	9
Tabela 02- Efectivo de alunos com necessidades educativas especiais.....	8
Tabela 03- Evolução do efectivo de alunos	8
Tabela 04- Efectivo de docentes	9
Tabela 05- Efectivo de funcionários não docentes.....	11
Tabela 06- Actividades realizadas durante o estagio.....	12

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES

Apêndice A: Planos e relatórios quinzenais de estágio

ANEXOS

Anexo A: Testes elaborados

SESSÃO I: INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

O presente relatório surge no âmbito do estágio Académico do Curso de Licenciatura em língua de Sinais de Moçambique e aborda, de forma detalhada, as actividades desenvolvidas ao longo do estágio realizado na Escola Secundária Josina Machel, no período de cinco (5) meses, entre setembro de 2024 a Março de 2025.

De acordo com o regulamento da Faculdade de Educação (FACED 2014), o objectivo de estágio consiste na integração das competências, tanto teóricas como práticas, através do contacto com a realidade socioprofissional e da aquisição de experiências práticas relevante que ocorrem no nosso quotidiano. Pretende-se também adequar as competências teóricas e práticas adquiridas ao longo da formação à prática Profissional, o que permitirá estabelecer um elo com as instituições, de modo que os estagiários compreendam a importância do estágio.

Como revela Chiavenato (2005), o estágio é compreendido como uma etapa essencial do processo de formação profissional, que proporciona ao estudante a oportunidade de aplicar conhecimentos académicos no contexto real de trabalho .

1.2. Objectivos do relatório

1.2.1. Objectivos Geral

- Analisar as formas de comunicação entre professores e alunos surdos na ESJM.

1.2.2. Objectivos específicos

- Refletir sobre possíveis estratégias inclusivas que favoreçam uma comunicação mais eficaz entre professores e alunos surdos no contexto da escola ;
- Descrever as estratégias utilizadas pelos professores para se comunicar com alunos surdos;
- Identificar os principais desafios enfrentados pelos professores e alunos surdos durante o processo comunicativo em sala de aula.

1.3. Justificativa da escolha do tema

A escolha deveu-se a sua relevância social Reflexão Sobre a Comunicação entre Professores e Alunos Surdos da 12ª classe da Escola Secundária Josina Machel deveu-se à sua relevância social e educacional, dada a necessidade de compreender e superar os desafios enfrentados pelos alunos surdos no contexto escolar.

A escolha desta temática deveu-se ao facto da escola centrar-se numa abordagem inclusiva, acolhendo estudantes com necessidades educativas especiais. Além disso, escolheu-se a Escola Secundária de Josina Machel por ser uma instituição pública de referência no País e por apresentar casos concretos de inclusão de alunos surdos, tornando-se um campo fértil para análise. Ou seja, justifica-se pelo facto de acolher estudantes com necessidades educativas especiais, sendo uma referência na implementação da educação inclusiva.

Esse cenário torna o estudo não apenas relevante, mas necessário para compreender os entraves reais que impedem a efectivação da inclusão, sobretudo no que diz respeito à formação dos professores, à disponibilidade de recursos humanos, como intérpretes de Língua de Sinais Moçambicana, e à adaptação de metodologias de ensino. Ao abordar essa problemática, o relatório pretende contribuir para o fortalecimento das políticas públicas educacionais e oferecer subsídios para futuras formações e intervenções pedagógicas mais sensíveis às especificidades dos alunos surdos.

1.4. Metodologia

Neste relatório, foi adoptada uma abordagem qualitativa, com o objectivo de compreender, em profundidade, os significados, percepções e práticas relacionadas à Reflexão Sobre a Comunicação entre Professores e Alunos Surdos da 12ª classe da Escola Secundária Josina Machel.

A abordagem qualitativa preocupa-se em analisar os fenómenos sociais a partir da perspectiva dos participantes e em contextos naturais, buscando descrever e interpretar as experiências humanas de forma detalhada (Bogdan & Biklen, 1994; Minayo, 2001).

De acordo com Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é apropriada quando o objectivo é explorar um problema em profundidade, especialmente quando se quer entender o

comportamento e as experiências dos participantes a partir da sua realidade vivida. Esta abordagem permite uma visão mais rica dos desafios enfrentados pelos alunos surdos e pelos professores, além de capturar as nuances das interações.

1.4.1. Observação directa

A observação consistiu no acompanhamento presencial das aulas e das dinâmicas escolares, permitindo o registo de comportamentos e práticas em tempo real. De acordo com Angrosino (2009), esse tipo de observação permite que o pesquisador obtenha informações sem mediação, captando directamente a realidade social e os contextos de interação.

Durante a observação, verificou-se que todos os intérpretes são formados em Língua de Sinais Moçambicana (LSM), o que representa um avanço significativo em termos de inclusão. Ao longo do trabalho foram identificadas, ainda assim, dificuldades significativas de comunicação entre professores e os alunos surdos.

Essa realidade pode ser explicada por diversos factores que vão além da formação formal. Em primeiro lugar, nem todos os professores demonstram um nível elevado de fluência em Língua de Sinais Moçambique (LSM), o que limita a sua capacidade de transmitir conteúdos complexos com clareza. Além disso, a falta de prática constante faz com que muitos percam parte da competência adquirida durante a formação.

Outros aspectos a considerar é a escassez de materiais pedagógicos adaptados à Língua de Sinais Moçambique (LSM), como livros, recursos visuais e tecnológicos. Sem esses apoios, mesmo os professores capacitados enfrentam desafios para tornar os conteúdos acessíveis aos alunos surdos.

Também se verificou que há variações regionais na utilização da Língua de Sinais Moçambique (LSM), o que pode gerar dificuldades de compreensão entre professores e alunos surdos, o que afecta negativamente a qualidade da comunicação em sala de aula. No entanto, a prática pedagógica observada ainda se limita, em muitos casos, à entrega de fichas e à escrita de apontamentos no quadro, sem promover interações significativas com os alunos surdos.

Assim, verifica-se que a existência de formação Língua de Sinais Moçambique (LSM), embora seja um avanço, não garante por si só uma comunicação eficaz. É necessário assegurar o

desenvolvimento contínuo das competências linguísticas, disponibilizar recursos apropriados e promover um ambiente pedagógico mais inclusivo e adaptado às necessidades específicas dos alunos surdos.

SESSÃO II- APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO

Nesta secção, pretende-se apresentar a Escola Secundária Josina Machel, desde a sua localização geográfica até à distribuição dos professores, alunos por classes e funcionários, ou seja, de forma geral.

2.1. Localização da instituição

Escola Secundária Josina Machel é uma instituição pública de Ensino Secundário geral (1 ° e 2 ° ciclos, diurno e nocturno), situada na Cidade de Maputo, distrito urbano de KaMphumu, no Bairro Polana Cimento “A” nº 68, entre a Av. Patrice Lumumba e Av. 24 de Julho, no centro da cidade.

2.2. Breve historial da Escola Secundária Josina Machel

O percurso da Escola Secundária Josina Machel começou ainda nos primórdios da República Portuguesa, numa altura em que não havia escolas secundárias nas colónias, sendo que os jovens que desejavam completar seus estudos precisavam, obrigatoriamente, de rumar à metrópole.

A escola foi inaugurada ainda no período colonial, em 1952, com o nome de Liceu Salazar. Volvidos dois anos após a proclamação da independência, a 16 de Fevereiro de 1977, por Despacho do Governo da República Popular de Moçambique, o Liceu passa a designar-se Escola Secundária Josina Machel, em Homenagem à Heroína da Luta de Libertação Nacional, Josina Machel.

A partir de 1977, o dia 07 de Abril, data que recorda a morte de Josina Machel e, por extensão, todas as mulheres que tombaram durante a luta armada, passou a ser o dia da escola, comemorando, de forma muito especial, o dia da Mulher Moçambicana.

Com o passar do tempo, o edifício que anteriormente alojava o Liceu e, mais tarde, a ESJM, foi-se degradando, tornando-se incómoda naquele recinto. Assim, o edifício foi reconstruído em 1994, numa empreitada apadrinhada pelo Governo da República de Moçambique, conservando, no entanto, as características arquitectónicas originais. O edifício foi reinaugurado em 1996.

2.3. Missão e visão

2.3.1. Missão

Como uma secundária pública, e no âmbito da materialização da política do governo, plasmada fundamentalmente no Plano Estratégico da Educação 2020-2029 e na Estratégia do Ensino Secundário Geral, a nossa missão é oferecer aos alunos uma educação inclusiva, de qualidade reconhecida, e prestar serviços eficientes aos utentes da escola

2.3.2. Visão

Sendo uma das melhores escolas do país, em termos arquitectónicos e com enorme prestígio desde a sua criação, a nossa visão de futuro é ser uma escola de referência no país pela qualidade de educação oferecida aos alunos, pelos resultados pedagógicos e administrativos alcançados, pela manutenção e conservação do mobiliário e das infra-estruturas, pela segurança, comodidade e hospitalidade do ambiente escolar, através de uma gestão participativa baseada na modernização

2.4. Estrutura orgânica da ESJM

A Escola Secundária Josina Machel encontra-se subordinada à estrutura orgânica do Sistema Nacional de Educação de Moçambique e obedece a uma hierarquia que permite ilustrar e compreender os órgãos de tomada de decisão, bem como a divisão do trabalho na escola. Para efeitos deste relatório, a ESJM apresenta a seguinte estrutura orgânica:

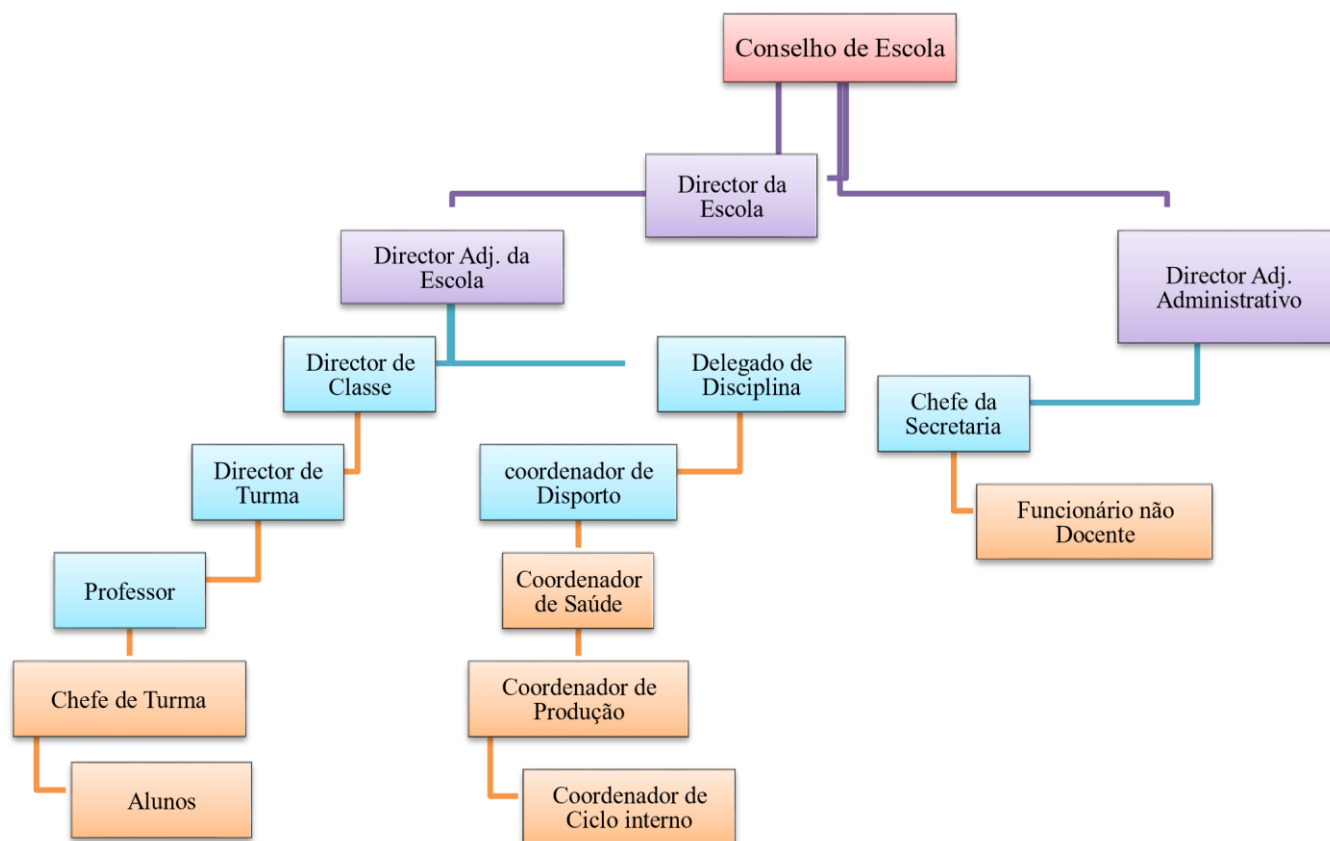


Figura 01:Estrutura Orgânica de Escola Secundária Josina Machel

Fonte: Apontado do Regulamento Interno da Escola Secundária Josina Machel 2025

Tal como mostra a figura, a estrutura orgânica da Escola Secundária Josina Machel obedece a uma organização do tipo vertical, o que significa que o órgão máximo é o conselho de Escola, e a comunidade dos alunos constitui o elemento mais inferior.

2.5. Recursos humanos

Na 12ª classe da Escola Secundária Josina Machel, foram identificados profissionais envolvidos directamente no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos, entre professores e intérpretes.

Por outro lado, 7 intérpretes com formação em Língua de Sinais de Moçambique actuam como mediadores linguísticos, assegurando a tradução dos conteúdos e facilitando a interacção em sala de aula. No entanto, há ainda 7 professores que não possuem formação em Língua de Sinais de

Moçambique, embora também leccionem para a mesma turma, e que dependem exclusivamente dos intérpretes para se comunicarem com os alunos surdos.

Essa composição revela uma realidade de desigualdade nas competências linguísticas entre os profissionais, o que contribui significativamente para as dificuldades comunicativas no ambiente escolar. A dependência excessiva dos docentes sem formação em Língua de Sinais de Moçambique, compromete a eficácia pedagógica e levanta sérias preocupações sobre a qualidade de inclusão educacional oferecida.

2.5.1. Efectivo de alunos

Como ilustra o quadro, no ano letivo de 2025, a Escola Secundária registou um total de 2.581 alunos matriculados, sendo 1.276 do sexo masculino e 1.305 do sexo feminino. As classes com maior número de alunos foram a 10^a (593) e a 11^a (630). A 12^a classe contou com 291 alunos, sendo 132 do sexo masculino e 159 do sexo feminino.

Tabela 01: Efectivo de alunos

	Inscritos/Matriculados		
	H	M	HM
7 ^a	195	186	381
8 ^a	169	165	334
9 ^a	203	149	352
10 ^a	282	311	593
11 ^a	295	335	630
12 ^a	132	159	291

Fonte: Direcção Pedagógica da ESJM(2025)

2.5.2. Efectivo de alunos com necessidades educativas especiais

De acordo com o quadro, o número total de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) é de 217, dos quais 125 são do sexo masculino e 92 do sexo feminino. A maior concentração de alunos com NEE está nas 10^a (51) e 7^a classes (49). Na 12^a classe foram registados 34 alunos com NEE.

O número de desistências tem sido elevado devido à proveniência dos alunos, pois um número considerável é constituído por alunos que não pertencem ao Distrito Municipal KamPfumu. Estes

matriculam-se inicialmente na Escola, mas, logo que conseguem vaga noutras escolas relativamente próximas das suas residências, abandonam a Escola sem a devida formalização.

O rácio de alunos por turma é de 36, não tendo sido atingida a meta, que devia ser de 45 alunos por turma. Nos últimos anos, o efectivo de alunos tem vindo a reduzir, como ilustra o seguinte quadro.

Tabela 02: Efectivo de alunos com necessidades educativas especiais

Classes	Inscritos/Matriculados		
	H	M	HM
7 ^a	29	20	49
8 ^a	14	16	30
9 ^a	26	11	37
10 ^a	29	22	51
11 ^a	9	9	18
12 ^a	17	17	34
Total	125	92	217

Fonte: Direcção Pedagógica da ESJM(2025)

2.5.3. Evolução do efectivo de alunos 2019-2025

Conforme se observa no Quadro, o número de alunos matriculados apresentou variação entre os anos de 2019 e 2025. Em 2019 foram registados 5.118 alunos, enquanto em 2025 o número de matrículas foi de 2.581, evidenciando uma redução no período considerado.

Tabela 03: Evolução do efectivo de alunos 2019-2025

Ano	2025	2024	2023	2022	2021	2020	2019
Alunos matriculados	2581	2975	4011	4331	4921	5072	5118

Fonte: Direcção Pedagógica da ESJM(2025)

2.5.4. Efectivo de docentes

Tal como mostra o quadro, o número total de docentes é de 92, sendo 55 do sexo masculino e 37 do sexo feminino.

Começaram o ano de 2024 com 92 professores, havendo, no entanto, falta de docentes nas disciplinas de Português (1), Inglês (1), Matemática (1) e Educação Visual. A cobertura, por enquanto, tem sido feita através da atribuição de horas extras.

Tabela 04: Efectivo de docentes

Género		Total
H	M	
55	37	92

Fonte: Direcção Pedagógica da ESJM(2025)

2.5.5. Efectivo de funcionários não docentes

O Quadro evidencia que há um total de 53 funcionários não docentes, sendo 23 efetivos e 30 contratados. Entre os cargos, registam-se: 1 especialista de educação, 4 técnicos superiores, 5 técnicos profissionais, 11 técnicos, 2 auxiliares e 30 agentes de serviço.

Assim, para dar cobertura às actividades de apoio e limpeza, a escola precisaria de mais 30 funcionários. De salientar, também, que, dos 30 funcionários contratados, 7 têm mais de 60 anos, contudo estão integrados no sistema de segurança social há menos de 15 anos.

Tabela 05: Efectivo de funcionários não docentes

Efectivo/carreira	Nº. funcionários de	Observação
Especialista de Educação	1	
Tec.Superior N1	4	
Tec. Profissional	5	
Técnico	11	
Auxiliar	2	
Agentes de serviço	30	Contratados

TOTAL	53	30
--------------	----	----

Fonte: Direcção Pedagógica da ESJM(2025)

2.6. Relevância da instituição para a formação da estagiária

A Escola Secundária Josina Machel revelou-se um espaço formativo de grande importância para a estagiária, uma vez que proporcionou o contacto directo com os desafios concretos da educação inclusiva no contexto moçambicano.

Ao vivenciar as limitações comunicativas entre docentes e discentes surdos, a estagiária pôde ampliar a compreensão sobre as lacunas existentes na formação de professores, no que diz respeito à educação de alunos com deficiência auditiva.

A convivência com os actores escolares, a análise de práticas pedagógicas e a necessidade de mediação constante fortaleceram não apenas o conhecimento teórico, mas também as competências éticas, sociais e metodológicas da estagiária, contribuindo decisivamente para a sua formação enquanto futuro educador comprometido com a equidade e justiça educacional.

2.7. Contributo da estagiária para a instituição

A estagiária, ao integrar a dinâmica escolar da Escola Secundária Josina Machel, contribuiu de forma significativa para a instituição, não apenas enquanto observadora, mas como agente de reflexão e intervenção. Através da identificação e problematização das barreiras comunicativas entre professores e alunos surdos, a estagiária trouxe à tona questões que muitas vezes, são invisibilizadas no quotidiano escolar.

A escuta activa dos envolvidos, a recolha de dados e a elaboração de sugestões pedagógicas inclusivas permitiram à escola repensar práticas e abrir espaço para possíveis formações futuras sobre educação inclusiva e Língua de Sinais de Moçambique. Além disso, a estagiária colaborou com professores na busca por estratégias comunicativas mais eficazes, fortalecendo o diálogo entre prática pedagógica e inclusão escolar.

SESSÃO III: PLANO DE ACTIVIDADES

3.1. Breve descrição de plano de actividades

Nesta sessão, apresenta-se o plano das actividades realizadas durante o período do estágio. As actividades foram planificadas entre os dias 23 de Setembro de 2024 e de Março de 2025, data em que o estágio foi concluído.

Para a elaboração do plano de actividades, consultaram-se alguns documentos, designadamente o plano curricular da 12^a classe, que tem como objectivo principal integrar a competência teórica no trabalho prático, através do contacto com a realidade sócio-profissional e da aquisição de experiência prática relevante, tendo como base a aprendizagem adquirida durante o estágio.

Tabela 06: Actividades realizadas durante o estágio

Semana	Actividades	Objectivos	Carga Horária
I 04.02.2025 à 14.02.2025	Submissão da credencial e apresentação da estagiária instituição do estágio - A apresentação e integração da estagiária na instituição - Atribuição da turma á estagiária - Atribuição do horário da turma - Observação das aulas - Interpretação das aulas	Conhecer a direcção da Escola e inteirar-se sobre o funcionamento da escola -Apresentar-se e integrar-se na instituição -Orientar á estagiária no periódico do estágio -Observar ás aulas e a interacção entre alunos surdos e o professor na sala de aula. - Transmitir a informação aos alunos	180 Horas
II 17.02.2025 à 28.02.2025	-Interpretação de aulas de preparação para 1 ^{as} -Realização da 1 ^{as} -Correcção e entrega das avaliações -Recolha de informações bibliográficas	- Interpretar aulas de preparação para 1 ^{as} - Capacitar os alunos para a realização da avaliação - Avaliar a aprendizagem e assimilação da matéria - Corrigir e entregar os testes - Recolher informações bibliográficas para o relatório	180 Horas
III 02.03.2025 à 14.03.2025	Interpretação das aulas - Planificação dos planos quinzenais - Contacto com o supervisor - Classificação dos cadernos	Transmitir a informação aos alunos em LSM - Elaborar os planos quinzenais de aula - Orientar as actividades do relatório - Avaliar a organização dos conteúdos	180 Horas
IV 17.03.2025 à 30.03.2025	- Revisão da matéria -Elaboração dos exercícios de consolidação -Interpretação das aulas - Participação nas actividades extra escolares realizadas na escola	-Rever os conteúdos anteriores -Avaliar o nível de assimilação dos conteúdos -Interpretar ás aulas em LSM -Participar na interpretação das actividades	180 Horas
Total			720 Horas

A estagiária

A orientadora

O Supervisor

SESSÃO IV: Actividades Desenvolvidas pela Estagiária

Nessa sessão, apresento as actividades desenvolvidas durante o estágio, bem como os respectivos objectivos e a forma utilizada para o desenvolvimento das mesmas. Sendo que o período da manhã era dedicado à planificação e leccionação de aulas de LSM aos alunos surdos, e o período da tarde, à interpretação de aulas. Neste sentido, foram desenvolvidas as seguintes actividades:

- Apresentação e integração da estagiária na instituição de estágio;
- Observação do processo de ensino e aprendizagem;
- Planificação das aulas
- leccionação das aulas
- interpretação das aulas.

4.1. Apresentação e Integração do Estagiário na Instituição de Estágio

A estagiária foi apresentada à direcção da Escola Secundária Josina Machel, na Cidade Maputo, no dia 23 de Setembro de 2024. A integração foi feita de forma acolhedora, permitindo o conhecimento do ambiente escolar, do corpo docentes e dos serviços de apoio aos alunos com necessidades educativas especiais. A inserção inicial possibilitou a familiarização com o funcionamento interno da escola e com os desafios enfrentados na educação inclusiva.

4.2. Observação do processo de ensino e aprendizagem

Objectivo da actividade: A observação foi uma actividade que realizei com o objectivo de me aproximar directamente do ambiente escolar, compreendendo as interações entre professores e alunos, os métodos utilizados em sala de aula e a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, como os surdos. Como destaca Tardif (2014), a observação permite ao futuro professor compreender os "saberes da prática", ou seja, aqueles conhecimentos construídos no quotidiano a escola e que nem sempre são transmitidos formalmente nas formações teóricas.

Procedimentos : Para realizar essa actividade, acompanhei sistematicamente as aulas conduzidas pelo professor titular. Utilizei uma ficha de observação para registar informações sobre a organização da aula, os métodos aplicados, os materiais utilizados, a postura do docente e o nível de participação dos alunos. Observei atentamente como os alunos surdos eram atendidos em aula e se havia adaptações didácticas ou comunicativas para contemplá-los.

Principais aprendizagens: para a realização desta actividade permitiu a estágia compreender que o ensino vai além da simples exposição de conteúdos, envolvendo elementos como linguagem, postura, gestão do tempo e sensibilidade às necessidades individuais dos estudantes. De acordo com Libâneo (2013), o professor reflexivo observa sua prática com espírito crítico, buscando compreender suas limitações e potencialidades algo que pude vivenciar intensamente nesse momento.

Em termos de aprendizados, o estágio permitiu perceber que a formação em LSM, por si só, não garante práticas pedagógicas inclusivas, sendo necessário também o comprometimento com metodologias activas, estratégias visuais e materiais adaptados que respeitem as especificidades dos alunos surdos.

A experiência evidenciou a importância da formação continuada, bem como da autonomia comunicativa dos professores, para garantir uma participação efectiva dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Dificuldades encontradas: Durante a observação, percebi que muitos professores demonstravam forte dependência dos apontamentos escritos, entregando fichas de exercícios sem explicação adequada. Isso representava uma barreira para os alunos surdos, que não conseguiam acompanhar ou compreender os conteúdos sem o apoio visual ou oral adequado.

Também notei a ausência de recursos didácticos acessíveis e o não domínio da língua sinais por parte dos docentes.

Durante as observações, percebi que havia pouca ou nenhuma interacção directa entre os professores e os alunos surdos. A prática docente limitava-se, em grande parte, à escrita de

apontamentos no quadro, seguida pela entrega de fichas para que os alunos copiassem o conteúdo.

Essa metodologia, centrada na mera transmissão de informações, não favorecia o envolvimento activo dos estudantes, nem tampouco a construção conjunta do conhecimento. Observou-se que a comunicação acontecia quase exclusivamente por via escrita, com pouco espaço para diálogo, questionamentos ou explicações adaptadas.

Soluções encontradas: Diante dessas dificuldades, sugeri pequenas estratégias aos professores, como a utilização de esquemas no quadro, imagens e linguagem mais acessível. Em algumas ocasiões, demonstrei formas simples de adaptar a explicação e recomendei práticas inclusivas, apoiadas por autores como Mantoan (2006), que defende a importância de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade dos alunos.

O estágio pedagógico realizado na Escola Secundária Josina Machel teve como objectivo principal a análise crítica das dificuldades comunicativas entre professores e alunos surdos da 12ª classe, no contexto do processo de ensino e aprendizagem. Buscou-se compreender como ocorrem as interações em sala de aula, as metodologias adoptadas e os desafios enfrentados na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

4.3. Planificação das Aulas

A planificação das aulas consiste na organização prévia das actividades pedagógicas, onde o professor define os objectivos da aprendizagem, os conteúdos a serem trabalhados, os métodos e estratégias de ensino, os recursos didácticos e os instrumentos de avaliação. Trata-se de uma etapa essencial para garantir uma prática docente coerente e eficaz.

Objetivos das actividades: A actividade de planificação teve como objectivo organizar, de forma prévia, todos os elementos essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. Foi nesta fase que estabeleci os objectivos de aprendizagem, selecionei os conteúdos, defini os métodos a serem utilizados e os recursos pedagógicos. Essa preparação permitiu antecipar desafios e pensar em estratégias inclusivas para alunos surdos, visando garantir uma aula mais estruturada e eficaz.

Por outro lado, tive a oportunidade de planificar aulas da disciplina de Língua Portuguesa, com o objectivo de estruturar e organizar conteúdos de forma coerente, metodológica e inclusiva.

Conforme Libâneo (2013), planificar é um acto pedagógico intencional que envolve a selecção de conteúdos, a escolha de métodos e a previsão de recursos e estratégias de avaliação

Procedimentos: Para planificar as aulas, analisei o programa curricular da disciplina e consultei planos anteriores do professor titular. Em seguida, elaborei os meus próprios planos, contendo objectivos específicos, conteúdos, metodologia, recursos e critérios de avaliação. A elaboração foi feita considerando a diversidade da turma, especialmente os alunos surdos. Os planos foram discutidos com o professor orientador e ajustados conforme as necessidades da turma.

Principais aprendizagens: Esta actividade permitiu a estagiária compreender que o planeamento é uma etapa indispensável e contínua no trabalho docente. Entendi que o ensino exige intencionalidade, clareza de objectivos e preparação cuidadosa das estratégias. Como reforça Perrenoud (2000), o planeamento deve considerar a imprevisibilidade da sala de aula, sendo flexível o suficiente para acolher os imprevistos do quotidiano.

Dificuldades encontradas: Durante a fase de planificação, surgiram algumas dificuldades que interferiram na preparação eficaz das aulas. Uma das principais limitações foi a dificuldade em encontrar materiais didácticos que se adequassem ao conteúdo a ser trabalhado com os alunos surdos, principalmente em disciplinas mais abstractas, onde a tradução visual dos conceitos exigia recursos específicos que não estavam disponíveis.

Além disso, no primeiro dia de aula, enfrentei dificuldades na comunicação com os alunos surdos, pois os códigos gestuais e sinais que eu utilizava muitas vezes eram desconhecidos por

eles e o inverso também ocorria. Esse descompasso inicial exigiu paciência, observação e ajustes na forma de interação, até que fosse possível construir uma comunicação minimamente eficaz.

Soluções encontradas: Diante da dificuldade em encontrar materiais didáticos adequados aos conteúdos leccionados, optei por produzir recursos próprios, com base na observação directa das necessidades dos alunos surdos. Recorri ao uso de imagens, esquemas, vídeos educativos com apoio visual e escrita simplificada, de modo a tornar os conteúdos mais acessíveis e facilitar a compreensão dos conceitos.

No que diz respeito à barreira inicial de comunicação com os alunos surdos, adoptei uma postura de abertura e adaptação. Passei a observar atentamente os sinais utilizados pelos próprios alunos, aprendi com eles novos códigos e também busquei apoio em colegas e em fontes básicas da Língua de Sinais Moçambicana (LSM). Além disso, passei a repetir explicações com mais clareza visual, a utilizar expressões faciais e movimentos corporais mais marcados, o que ajudou a estabelecer um código de comunicação mais eficiente entre mim e os alunos.

Essas estratégias não apenas atenuaram as dificuldades enfrentadas, como também fortaleceram o vínculo pedagógico, permitindo um ambiente mais inclusivo, colaborativo e adaptado à realidade comunicacional dos alunos surdos.

Por outro lado, para superar essas dificuldades, produzi materiais próprios com apoio visual (cartazes, esquemas), simplifiquei os conteúdos sem prejudicar os objectivos de aprendizagem e mantive diálogo constante com o professor titular. Apoiei-me na pedagogia histórico-cultural de Vygotsky (1991), que destaca o papel do outro no processo de aprendizagem, reforçando a importância da mediação docente.

4.4. Leccionação das Aulas

A leccionação das aulas refere-se ao momento prático da actuação docente, ou seja, à execução daquilo que foi planeado. Nesta etapa, o professor conduz o processo de ensino-aprendizagem directamente com os alunos, promovendo a construção do conhecimento por meio da interação, explicações, actividades práticas e uso de recursos pedagógicos.

Objetivos da actividade: A actividade de leccionação teve como objectivo colocar em prática os conteúdos planificados, promovendo um ambiente de aprendizagem acessível e inclusivo. Foi nesta fase que passei a leccionar os conteúdos aos alunos da 12ª classe, aplicando as estratégias pensadas previamente, mas também adaptando a condução da aula conforme as necessidades reais observadas em sala. Durante esta etapa, procurei transmitir os conteúdos de forma clara e acessível, garantindo que os alunos surdos pudessem acompanhar por meio de apoio visual e linguagem corporal

Na fase da leccionação, tive a oportunidade de colocar em prática os planos que elaborei, leccionando a disciplina de Língua Portuguesa. Essa experiência visou desenvolver minhas competências docentes em ambiente real, aplicar estratégias inclusivas e adaptar-me aos desafios concretos da sala de aula.

Por outro lado, tive chance de leccionar aulas supervisionadas, utilizando materiais inclusivos e estratégias gestuais complementares. Em colaboração com professores e, quando possível, actuei ocasionalmente como mediadora linguística, interpretando instruções e conteúdos entre os professores e os alunos surdos, respeitando as limitações de formação nessa área e sempre com orientação pedagógica.

Procedimentos: Durante a leccionação, iniciei as aulas com a apresentação dos objectivos e exposição dos conteúdos, utilizando técnicas como: exposição dialogada (Libâneo, 2013), demonstração com recursos visuais, trabalho em grupo (Vygotsky, 1991) e uso de esquemas no quadro. Recorri também a gestos simples e contei com o apoio do professor titular para facilitar a comunicação com os alunos.

Principais aprendizagens: A leccionação permitiu a estagiária perceber que a sala de aula é um espaço dinâmico e exige do professor sensibilidade, escuta activa e capacidade de adaptação. Segundo Libâneo (2013), o professor reflexivo ajusta constantemente sua prática para garantir a aprendizagem de todos os alunos.

Dificuldades encontradas: Enfrentei dificuldades como barreiras comunicativas com os alunos surdos, dispersão de alguns alunos durante as aulas e tempo insuficiente para executar todas as actividades planificadas.

Soluções encontradas: Para contornar essas dificuldades, busquei apoio do professor titular, reorganizei a ordem das actividades para priorizar os conteúdos essenciais e intensifiquei o uso de recursos visuais e linguagem corporal. Essas estratégias ajudaram-me a melhorar o envolvimento dos alunos e a promover um ensino mais inclusivo.

4.5. Interpretação das aulas

A interpretação das aulas consiste na mediação linguística entre o professor e os alunos surdos, por meio da actuação de um profissional fluente tanto na língua falada (Português) quanto na Língua de Sinais Moçambicana (LSM). Este processo tem como objetivo garantir que os alunos surdos compreendam os conteúdos transmitidos, participem activamente das actividades em sala e tenham acesso igualitário ao currículo.

Objetivos da actividade: A actividade de interpretação das aulas teve como objectivo garantir a mediação comunicativa entre o conteúdo leccionado e os alunos surdos, utilizando Língua de Sinais Moçambicana (LSM) e recursos visuais. Foi nesta fase que procurei facilitar o entendimento por parte dos alunos surdos, adaptando a minha linguagem, usando gestos, expressões faciais e repetição das explicações

Por um lado, a actividade de interpretação das aulas teve também como objectivo analisar criticamente as práticas pedagógicas vivenciadas durante o estágio, relacionando-as com os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação. Procurei reflectir sobre as decisões tomadas em cada momento didáctico, os resultados obtidos, bem como as reacções dos alunos face às estratégias aplicadas.

Foi possível interpretar as aulas como espaços de reprodução de práticas ainda centradas na oralidade e na transmissão unilateral do conhecimento. As aulas observadas revelaram uma estrutura padronizada, onde o professor escrevia os apontamentos no quadro e os alunos copiavam para os seus cadernos. Esse modelo, embora comum, mostrou-se insuficiente para atender às necessidades dos alunos surdos, que requerem abordagens mais visuais e participativas.

Procedimentos: Para realizar essa interpretação, revisei os planos de aula elaborados, os registos de observação e os comentários do professor orientador. Analisei cada etapa das aulas, desde a

introdução do conteúdo até à forma como os alunos participaram das actividades e compreenderam os conceitos abordados. Busquei identificar os aspectos positivos da minha prática e os pontos que poderiam ser aprimorados.

Principais aprendizagens: Esta actividade permitiu a estagiária consolidar a consciência de que ensinar exige constante avaliação e autorreflexão. Aprendi que a eficácia do ensino depende não apenas da clareza dos conteúdos, mas também da maneira como eles são apresentados, contextualizados e adaptados às características dos alunos.

A análise das minhas próprias aulas fortaleceu minha capacidade de agir como professora reflexiva, como propõe Libâneo (2013), e de me comprometer com a melhoria contínua do meu desempenho.

Dificuldades encontradas: Durante a interpretação das aulas, uma das dificuldades foi reconhecer e aceitar as limitações da minha prática sem me sentir desmotivada. Também enfrentei desafios ao tentar avaliar com objectividade os resultados alcançados, especialmente no que diz respeito ao envolvimento dos alunos surdos e à adequação das estratégias usadas.

A interpretação geral das aulas indicou, portanto, a existência de uma barreira estrutural e metodológica que precisa ser superada para garantir o direito à educação de qualidade para todos, inclusive para os alunos surdos.

Soluções encontradas: Para superar essas dificuldades, recorri ao diálogo com o professor orientador e a colegas de estágio, o que me ajudaram a enxergar com mais clareza os pontos fortes e fracos da minha actuação.

Além disso, relacionei minhas observações com os fundamentos teóricos estudados, especialmente os de Perrenoud (2000), que defende a importância da prática reflexiva na formação docente. Essa abordagem permitiu-me transformar os desafios em oportunidades de aprendizagem.

SESSÃO V- REVISÃO DA LITERATURA

5.1. Conceitos

5.1.1. Comunicação

Segundo Freire (1996), a comunicação é um processo de troca de informações e significados entre os indivíduos. É através do diálogo que se constrói o conhecimento, sendo essencial que o professor promova uma comunicação aberta e horizontal com os alunos.

5.1.2. Surdez

A surdez é compreendida não apenas como uma deficiência auditiva, mas também como uma diferença linguística e cultural. Para Quadros (2008), o reconhecimento da identidade surda é fundamental para a inclusão educacional.

5.1.3. Língua de Sinais

De acordo com Strobel (2008), a Língua de Sinais é um sistema linguístico completo, visual e espacial, utilizado pelas comunidades surdas. A autora reforça que ela deve ser reconhecida como a primeira língua dos surdos e respeitada no ambiente escolar.

5.1.4. Barreiras Comunicativas

Para o MEC (2015), são todos os factores que dificultam a troca de informação e compreensão mútua entre professor e aluno. Afirmam que essas barreiras podem ser linguísticas, atitudinais ou metodológicas, e precisam ser superadas com práticas inclusivas.

5.2. Factores que contribuem para as dificuldades comunicativas entre professores e alunos surdos.

Os desafios na comunicação entre professores e alunos surdos da 12 classe não decorrem de único factor, mas de um conjunto de elementos interligados, que reflectem falhas estruturais, formativas e metodológicas no contexto educacional.

A comunicação entre professores e alunos surdos exige um ambiente inclusivo e metodologias adaptadas. Como afirmam Quadros e Karnopp (2004), os métodos de ensino tradicionais, quando não adaptados, acabam excluindo os alunos surdos do processo de aprendizagem. De forma

semelhante, Gesser (2009) aponta que a ausência de materiais visuais compromete a compreensão dos conteúdos, enquanto Strobel (2008) reforça que a dependência excessiva dos intérpretes enfraquece a relação directa entre professor e estudante.

Durante o estágio, foi possível observar diversos factores que impedem ou dificultam significativamente a comunicação entre professores e alunos surdos. Esses factores não decorrem apenas da deficiência auditiva em si, mas principalmente de lacunas institucionais, metodológicas e atitudinais, que comprometem a construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo, a seguir, serão apresentados e desenvolvidos os principais factores observados:

5.2.1. Uso predominante de métodos tradicionais

Para Quadros e Karnopp (2004), destacam que tais métodos ignoram as especificidades linguísticas dos surdos, que aprendem prioritariamente por meio de estímulos visuais.

Entendeu-se que muitos professores ainda se apoia em metodologias tradicionais, centradas na cópia de conteúdos no quadro e entrega de fichas de exercícios. Essa forma de ensino, baseada na oralidade e na escrita, não contempla as necessidades comunicativas dos alunos surdos, que requerem mediações visuais, interativas e adaptadas. Por outro lado, a pratica pedagogica centrada na exposição oral e na entrega de fichas de exercicios sem explicações visuais. Isso exclui o aluno surdo no processo de aprendizagem activo.

Um exemplo observado foi a explicação de conteúdos abstractos sem o uso de ilustrações ou esquemas visuais, o que comprometeu a compreensão.

5.2.2. Falta de materiais didácticos visuais

De acordo Gesser (2009), a ausência de recursos como imagens, vídeos e objectos concretos reduz significativamente as possibilidades de mediação do conhecimento.

Para Cossa (2020), os professores enfrentam multiplos desafios para garantir a comunicação eficaz com alunos surdos, sobretudo pela escassez de materiais didácticos visuais e pela limitada formação em práticas inclusivas especificas. Embora existam iniciativas de capacitação em Lingua de Sinais de Moçambique, muitos docentes ainda relatam dificuldades em adaptar seus metodos de ensino de maneira adequada.

Foi constatado que muitos docentes não levam materiais de apoio didático para as aulas. A ausência de recursos visuais, como imagens, vídeos, objectos concretos ou ilustrações, prejudica a comunicação, dificultando a compreensão por parte dos alunos surdos, que dependem fortemente do canal visual para apreensão dos conteúdos.

Durante o estágio, verificou-se que os professores raramente levavam materiais complementares, baseando-se apenas em textos escritos, o que dificultou a apreensão dos conceitos pelos alunos surdos.

5.2.3. Dependência excessiva dos intérpretes

Para Strobel (2008), a relação directa entre professor e aluno surdo é insubstituível para a construção de um vínculo pedagógico eficaz. Contudo, muitos professores transferem a responsabilidade da comunicação exclusivamente para os intérpretes de Língua de Sinais, o que limita o diálogo e cria uma barreira emocional e didáctica entre o docente e o aluno.

De acordo com Skliar (1998), a educação de surdos somente na presença de um intérprete não garante a aprendizagem é necessário que o professor domine estratégias visuais e linguísticas para se comunicar de forma directa com o aluno surdo.

Observou-se que alguns professores delegam completamente aos intérpretes a responsabilidade pela comunicação com os alunos surdos. Em vez de interagirem directamente com os estudantes, os docentes focam na comunicação oral entre eles, esperando que o intérprete traduza tudo. Isso não apenas distancia a relação professor-aluno, como também reduz a qualidade da mediação pedagógica.

5.3. Estratégias utilizadas pelos professores para comunicar com alunos

De acordo com Souza (2012), destaca-se que o uso de mapas visuais e esquemas facilita a compreensão, enquanto Fernandes e Rezende (2011) defendem que uma linguagem clara e pausada favorece a interpretação por parte dos alunos.

Entendeu-se que, apesar das dificuldades, os professores desenvolveram diversas estratégias para estabelecer uma comunicação eficaz com os alunos surdos. Mesmo diante dessas dificuldades, alguns professores buscaram soluções para aproximar a comunicação.

Durante o estágio, observei algumas estratégias que reflectem essa preocupação com a inclusão. Também foram identificadas algumas estratégias utilizadas pelos professores com o objectivo de promover a comunicação com os alunos surdos. Essas estratégias representam tentativas de aproximação, conforme apresentadas a seguir:

5.3.1. Recurso a esquemas e mapas no quadro

O uso de esquemas visuais no quadro é um recurso pedagógico que favorece a organização mental e compreensão dos conteúdos pelos surdos, conforme salientam Ferreira e Almeida (2020, p. 64). Segundo Souza (2012), os esquemas visuais são eficazes para organizar a informação e apoiar a memorização, especialmente para alunos com deficiência auditiva.

Foi observado que alguns professores fizeram uso de esquemas, setas e palavras-chave no quadro como forma de organizar os conteúdos de maneira visual. Essa prática beneficia os alunos surdos ao fornecer pistas visuais que ajudam na construção do significado dos conceitos apresentados.

5.3.2. Adaptação do ritmo e da linguagem

Segundo Fernandes e Rezende (2011), a comunicação clara e pausada é essencial para facilitar a interpretação e manter a atenção dos estudantes. Por outro lado, Silva e Pereira (2019) chamam atenção para o papel da linguagem corporal, expressões faciais e gestos na mediação da comunicação com os surdos, reforçando a ideia de que os professores precisam desenvolver uma consciencia comunicativa expandida que vai além da oralidade e escrita.

Para Vygotsky (1999), o desenvolvimento cognitivos se dá por meio da linguagem. No caso de surdo, essa linguagem é visual-espacial. Logo se a mediação pedagogica não for visual, o processo de aprendizagem é comprometido.

Compreendeu-se que professores que adaptaram a velocidade da fala, usaram pausas, repetiram explicações e evitaram vocabulário técnicos favoreceram a aprendizagem dos alunos surdos. A adaptação da linguagem e do ritmo é uma estratégia essencial para respeitar o tempo de compreensão do aluno surdo.

Em certas aulas, observou-se que os professores procuraram falar de forma mais pausada, articulada e com frases curtas, o que favoreceu a interpretação dos intérpretes e a atenção dos alunos surdos. Essa atitude demonstra uma preocupação com a clareza da mensagem.

5.3.3. Utilização do quadro de forma visual

De acordo com Mantoan (2003), o uso de múltiplas linguagens visual, gestual e escrita aumenta as hipóteses de compreensão e participação dos alunos surdos. Segundo Garcia (2015), o uso de quadros, esquemas visuais, mapas conceituais e outros recursos gráficos pode potenciar a compreensão de conteúdos por parte dos alunos surdos. Tais instrumentos visuais funcionam como pontes cognitivas que permitem o acesso ao conhecimento de forma mais concreta.

Foi possível observar que o uso do quadro com diferentes cores, tópicos, setas e imagens favoreceu a fixação do conteúdo pelos alunos surdos. O quadro torna-se uma extensão da linguagem visual quando é utilizado com criatividade e foco no aluno surdo.

Além de escrever conteúdos, alguns professores fizeram desenhos, gráficos simples ou representações visuais dos conceitos. Essas ilustrações ajudam os alunos surdos a compreender melhor o contexto das explicações, funcionando como mediadores do conhecimento.

SESSÃO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

6.1. Considerações finais.

O presente trabalho teve como objectivo compreender as barreiras na comunicação entre professores e alunos surdos da 12 Classe turma 2, da escola Secundária Josina Machel. Tendo também como objectivos específicos: Identificar os factores que contribuem para as dificuldades comunicativas no ambiente escolar; Descrever as estratégias utilizadas pelos professores para se comunicar com alunos surdos e por outro lado, propor alternativas que possam melhorar a comunicação entre os professores e alunos.

A literatura analisada demonstrou que a dependencia exclusiva de interpretes, conforme alerta strobil (2008), pode tornar o processo de ensino mais distante e menos eficaz. Também compreendeu-se que praticas como o uso de quadros, imagens, gestos, expressões faciais e esquemas visuais (como propõem Garcia, 2015, Silva e Pareira, 2019) facilitam a aprendizagem dos alunos surdos, ao criar uma ponte entre o conteúdo ensinado e a sua compreensão visual.

Os resultados obtidos a partir deste estudo permitiram à estagiária chegar a algumas conclusões, que se seguem. As dificuldades comunicativas decorrem de metodologias tradicionais, ausência de recursos visuais e dependência dos intérpretes. Também se verificou que o uso de esquemas visuais, a adaptação da linguagem e os recursos gráficos são eficazes, mas ainda pouco explorados.

Compreendeu-se que, uma das principais dificuldades observadas foi a forte dependencia dos apontamentos escritos, os quais eram entregues aos alunos em forma de fichas de exercicios sem explicações visuais ou orais adequadas. Essa pratica tornou a comunicação desigual e excludente.

Notou-se também a ausencia de recursos didácticos acessíveis, como esquemas, imagens e videos, que são fundamentais para apoiar a aprendizagem visual dos alunos surdos.

Diante dessas dificuldades, foram adoptadas algumas soluções praticas, com o objectivo de minimizar os efeitos dessas barreiras: adaptação das fichas de exercicios com elementos visuais,

como desenhos, cores e ícones explicativos. A utilização de esquemas e mapas mentais no quadro, reforçando o conteúdo com apoio gráfico para facilitar a compreensão.

Entendeu-se que, as dificuldades comunicativas enfrentadas pelos alunos surdos não resultam apenas de sua condição auditiva, mas sim de uma estrutura pedagógica que ainda privilegia métodos verbais e expositivos, negligenciando a diversidade linguística existente nas salas de aula.

No seguinte momento, é importante perceber que o processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo se afigura bastante desafiante, quer para os professores, enquanto facilitadores e compreendedores dos conteúdos, quer para os próprios alunos. É essencial que o professor tenha consciência do seu papel como condutor do processo de ensino e aprendizagem e da importância do próprio aluno como centro da aprendizagem; ou seja, os estudantes devem ser o foco da atenção por parte dos professores.

Compreendeu-se que a ausência de metodologias adaptadas e a limitação da comunicação direta entre professor e aluno são fatores que prejudicam a aprendizagem e a inclusão plena dos estudantes surdos.

Por outro lado, constatou-se que há abertura por parte dos professores e intérpretes para melhorar o processo educativo, o que demonstra potencial para transformação. As soluções pontuais aplicadas durante o estágio indicam que mudanças simples, como o uso de recursos visuais e maior envolvimento do docente com a LSM, podem trazer impactos positivos significativos.

Foi possível concluir que a promoção de uma educação inclusiva não depende apenas de políticas e formações, mas também de atitudes pedagógicas conscientes, sensíveis e comprometidas com a equidade no ensino. O estágio, portanto, contribuiu de forma expressiva para a formação da estagiária, ampliando a sua visão crítica e prática sobre os caminhos para uma educação acessível a todos.

6.2. Recomendações

A República de Moçambique, por meio do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH), tem implementado diversas reformas voltadas à educação inclusiva, com o objectivo de garantir o direito à escolarização de todos os cidadãos, independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou intelectuais. Entre as medidas adoptadas estão a elaboração de políticas públicas, o reconhecimento da Língua de Sinais moçambicana como meio legítimo de instrução e a criação de programas de formação contínua para professores.

Neste contexto, apresentamos algumas recomendações:

Para ministério de educação e cultura

- Oferecer apoio financeiro e logístico a projectos escolares voltados à inclusão e acessibilidade comunicativa.
- Acompanhar e avaliar a implementação das políticas inclusivas, assegurando que os direitos dos estudantes surdos sejam respeitados.

Para os Professores

- Adoptar múltiplos recursos visuais e gestuais para facilitar a compreensão dos alunos com deficiência auditiva.
- Construir uma relação pedagógica mais aberta e colaborativa, ouvindo as necessidades dos alunos surdos e promovendo sua participação nas aulas e avaliações.

7. Referências bibliográficas

- Angrosino, M. (2009). Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed. Associação dos Surdos de Moçambique. (2019). Manual da Língua de Sinais de Moçambique. Maputo: ASM.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora .
- Borders, C.L., e Probst, J. (2024). Evidence-based practices for dea and hard-of-hearing students: prompting, chainig. Journal of deaf education.
- Creswell, J. W. (2014). Investigação qualitativa e projecto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens (3ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- Cossa , E . (2020). inclusao educacional de alunos com deficiencia auditiva em mocambique. Maputo : universidade pedagogica.
- FACED. (2014). Regulamento de estágios dos cursos de graduação da faculdade de Educação. Maputo: UEM.
- Fernandes, E., & Rezende, A. (2011). Educação inclusiva: desafios e possibilidades. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1996). Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- Garcia, R. (2015), visualidade e aprendizagem: recursos didacticos para alunos surdo. Revista educacao especial.
- Gesser, A. (2009). Libras? Que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial.
- Libâneo, J. C. (2013). Didática (27ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Mantoan, M. T. E. (2006). Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna.

Minayo, M. C. de S. (2001). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde (9ª ed.).

São Paulo: Hucitec.

Ministério da Educação e Cultura – MEC. (2015). Educação Inclusiva: Direito à diversidade. Maputo: MEC.

Perrenoud, P. (2000). Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed.

Quadros, R. M. de. (2004). Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre:

Quadros, R. M., & Karnopp, L. B. (2004). Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed Artmed.

Silva, M., e Pereira, J. (2019). Praticas pedagogicas inclusivas na comunicacao com alunos surdos. Revista brasileira de educacao, 24, e 240036.

Souza, S. (2012). Educação de surdos: práticas pedagógicas e inclusão. São Paulo: Contexto.

Strobel, K. (2008). Ser surdo. Porto Alegre: Mediação.

Skliar, C. (1997). Educação e exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação.

Skliar, C. (1997). A surdez : um olhar sobre as diferenças. Porto alegre:mediacao.

Tardif, M. (2014). Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes.

Vygotsky, L. S. (1991). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes.

Zaitseva, G., Pursglove, M., e Gregory, S. (1999). Vygotsky, sign language, and the education of deaf pupils. Jornal of deaf studies and deaf edu

Apêndice B



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: 04/02 a 14/02

Local de estágio: Escola Secundária Josina Machel – Cidade de Maputo

Nome da estagiária: Henriqueta Victor Matias

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária : Interpretação das aulas

Actividades planificadas para o período:	Actividades realizadas neste período:
-Apresentação e integração na instituição do estágio -Observação às aulas. -Apresentação do professor aos alunos e vice-versa. -Apresentação dos conteúdos do primeiro semestre. -Interpretação das aulas sobre:Periodização da Historia de Moçambique	– Apresentar-se na instituição do estágio e aos alunos -Observação às aulas – Conhecer as normas e regras que regem o funcionamento da escola – Observação das aulas a interação dos alunos com os professores e intérprete -Interpretação das aulas sobre -Periodização da história de moçambique

Dificuldades encontradas e suas causas: Uso de sinais diferentes devido à actualização de novos sinais e falta de padronização dos sinais.	Soluções encontradas: Explicado aos alunos que LSM ainda está no processo de padronização dos sinais.

Observações:

Supervisor:

Orientador:

Data:

Data:

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo : República de Moçambique

Apêndice B



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: 17/02 a 28/02

Local de estágio: Escola Secundária Josina Machel – Cidade de Maputo

Nome da estagiária: Henriqueta Victor Matias

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação das aulas

Actividades planificadas para o período: -Interpretação das aulas. -Continuação da aulas anterior -Preparação para a 1º ACS – Entrega e correção do teste	Actividades realizadas neste período: -Interpretação das aulas -Aplicação de exercícios para preparação a 1º ACS. - Realização da 1º ACS – Correção e entrega do teste -As sociedades moçambicanas após a fixação Bantu – Interpretação do Hino Nacional
Dificuldades encontradas e suas causas: -Uso de sinais diferentes para o mesmo termo ou conceito devido a falta de padronização dos sinais.	Soluções encontradas: -Explicado aos alunos que a LSM ainda está no processo de padronização dos sinais.

--	--

Observações:

Supervisor:

Orientador:

Data:

Data:

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo : República de Moçambique



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: 03/03 a 14/03

Local de estágio: Escola Secundária Josina Machel – Cidade de Maputo

Nome da estagiária: Henriqueta Victor Matias

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação das aulas

Actividades planificadas para o período: – Observação das aulas – Revisão da matéria – Interpretação das aulas sobre: -Início da diferenciação Etno – Linguística de Moçambique Exercícios sobre o Início da diferenciação Etno Linguística de Moçambique	Actividades realizadas neste período –Observação e identificação dos métodos de ensino usados pelo professor de Historia para o ensino dos alunos – Realização da revisão dos condados do tema anterior – Responder às dúvidas dos alunos – Interpretação das aulas sobre: -As linhagens Matrilinear e Patrilinea – Aplicação dos exercícios dos conteúdos lecionados
Dificuldades encontradas e suas causas: - Falta da padronização de sinais na Disciplina de Historia	Soluções encontradas: – Uso da soletração para as palavras sem sinais

--	--

Observações:

Supervisora:

Orientadora:

Data: ____/____/____/

Data: ____/____/____/

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax: 21 49 3313, CP: 257 – Maputo: República de Moçambique



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: 17/03 a 28/03

Local de estágio: Escola Secundária Josina Machel – Cidade de Maputo

Nome da estagiária: Henriqueta Victor Matias

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação

Actividades planificadas para o período: -Classificação dos cadernos – Interpretação das aulas -Elaboração dos exercícios –Revisão da matéria	Actividades realizadas neste período: – Avaliação dos cadernos – Correção dos exercícios – Interpretação das aulas sobre: -O Estado do Zimbabwe -Aplicação dos exercícios
Dificuldades encontradas e suas causas: Falta de atenção por parte de alguns alunos.	Soluções encontradas: -Chamada de atenção aos alunos indisciplinados e lhes colocar nas carteiras da frente.

Observações:

Supervisor:

Orientador:

Data:

Data:

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo : República de Moçambique

ANEXOS

Anexo A



Escola Secundária Josina Machel

2º Segundo Ciclo do Curso Diurno

12ª Classe

1ª As de História

I Trimestre 2025

Duração: Minutos

Data ___/___/ 2025

Nome: _____ Turma __Nº__

Boa sorte

Anexo A



Escola Secundária Josina Machel

2ºSegundo Ciclo do Curso Diurno

12ª Classe

2ª As de História

I Trimestre 2025

Duração: Minutos

Data ___/___/ 2025

Nome: _____ **Turma** __Nº__

()

Leia atentamente as questões que se seguem e responda de forma clara, evitando Razuras

Boa sorte

